

Au troisième temps de la valse

A coreógrafa e bailarina belga Anne Teresa De Keersmaecker vem pela primeira ao Festival, com um espectáculo em que arrisca aquilo a que ainda ninguém se tinha abalancado: dançar as canções de Jacques Brel. Este espectáculo — em co-apresentação com o Centro Cultural de Belém — chama-se *BREL*, justamente, e consiste também num diálogo inter-geracional, uma vez que a coreógrafa dividirá o palco com Solal Mariotte: na verdade, este duo torna-se num trio, dado o relevo da poesia e da força interpretativa do cantor belga, onnipresentes em toda a peça.

“A poesia de Brel é eterna — nós é que passamos”: foi esta a conclusão a que chegou a crítica de dança do *Le Monde* após assistir a *BREL*. Na verdade, como poderá dançar-se esse monumento da canção chamado Jacques Brel, cuja música tem atravessado gerações? Foi justamente esse o desafio a que se lançaram o jovem Solal Mariotte, um promissor coreógrafo e bailarino francês de 25 anos, e a consagrada bailarina e coreógrafa belga Anne Teresa De Keersmaecker, a caminho dos 70.

Os mundos de Keersmaecker e de Mariotte, vindo do *breakdance*, fundem-se nesta criação para encarnar canções que nada faria prever que alguma vez chegassem a ser dançadas. Juntos, os dois artistas exploram a poesia poderosa, a expressividade e a gestualidade do cantor belga, num espectáculo apresentado no ano passado na Pedreira de Boulbon, no Festival d'Avignon.

Sobre o processo de criação, Anne Teresa De Keersmaecker revelou ao jornal *La Terrasse* que “partimos da obra completa de Brel: cerca de cento e cinquenta canções compostas durante um período de quinze anos. Fizemos uma selecção, numa certa lógica cronológica. São melodias conhecidas de todos, com textos fortes, e depois havia também as imagens filmadas das suas interpretações, que chegaram até aos nossos dias”.

“É natural que Brel, que blindou a sua poesia contra o jogo de aparências, tivesse adorado a ideia de alguém coreografar as suas canções”, escreveu ainda o *Le Monde*. Na verdade, em palco assiste-se não só à forma como é possível dançar os seus temas, mas também ao modo arrebatador que o cantor tinha de interpretá-las.

Dias 11 e 12 no Centro Cultural de Belém.



© Anne Van Aerschot

Il Duce no analista Gaiivotas na Cerca

Tom Corradini, servindo-se das suas parecenças físicas com Mussolini, convida-nos para uma visita sarcástica à intimidade do ditador italiano, numa peça que venceu o prémio do Festival Fringe de Praga (2015) e o prémio de Melhor Monólogo no Festival Off de Avignon (2017). Estamos a 24 de Julho de 1943: o Grande Conselho Fascista reúne-se para discutir a deposição de Mussolini. *Il Duce*, fechado no Palazzo Venezia, rememora o percurso desde as suas origens humildes até ao cargo de chefe supremo de Itália. À medida que a peça *Mussolini* decorre, a caricatura que a História nos deu desta figura histórica, representando-a unidimensionalmente, revela-se falsa. Os espectadores acabam por descobrir uma personagem que não é apenas um ditador, unanimemente condenável, mas também um homem cultivado, poliglota e amante da literatura. Em si mesma, a peça é hilariante. Apresentado já em várias partes do Globo, este espectáculo tem sido interpretado por Corradini em italiano, inglês, francês e alemão.

Dias 11 e 12 na Academia Almadense.

O tradicional Encontro da Cerca decorre amanhã, entre as 15h e as 18h, na Casa da Cerca, em Almada, com moderação de João Carneiro e a participação de Graça P. Corrêa (dramaturgista e tradutora), Miguel Fragata (actor e encenador), Rita Calçada Bastos (actriz e encenadora) e Victor Hugo Pontes (coreógrafo) — um conjunto de criadores que a determinada altura dos seus percursos de alguma forma se cruzaram com *A gaiivota*, de Tchecov, um clássico da dramaturgia ocidental escrito há mais de cem anos. Esta peça, que encerra este ano o Festival, tem despertado a inquietação de uma nova geração de artistas, como se verifica pelas três criações incluídas nesta 43.ª edição: *Ansioliticamente falando*, de Raquel Castro; *La lettre*, de Milo Rau; e *Só mais uma gaiivota*, de Inês Barahona e Miguel Fragata. “Mas é o lago que aqui me chama, como uma gaiivota”: guiados pela célebre fala de Nina, a jovem aspirante a actriz, no primeiro acto de *A gaiivota*, acorramos amanhã à Casa da Cerca, ao chamamento de um texto que tem deleitado várias gerações de criadores — e espectadores.

O Rei sem palácio

Os fazedores de teatro são detentores de uma gramática específica, que se vai sedimentando ao longo de tantos teatros e tão diferentes espectáculos. Uma linguagem composta com meias palavras, pequenos gestos, expressões subtis, muitas ilusões (e desilusões), tudo feito a palmilhar veredas que atravessam um silêncio único; o silêncio que paira entre todas essas coisas.

Nesse modo, assim decorreram as conversas que mantive com Fernando Gomes, a “conversar muito sobre tudo e sobre nada...”, como ele gosta de sublinhar. Desses encontros saiu o mote para a instalação *A paródia de um rei sem palácio*; um lugar cenográfico que brota dessa linguagem particular onde nos entendemos bem. Dali surgiu também uma possibilidade para espreitar a vida e obra deste notável actor/encenador.

Fernando Gomes tem uma tal febre de teatro que isso o impede de pensar noutra coisa, dia e noite. Dá gosto observar a vivacidade, o

fulgor e a jovialidade que transparece do seu rosto quando fala da sua vida ou do teatro. Até parece que está nos primeiros anos, a começar.

Nasceu no Porto, no bairro popular de São Roque da Lameira, e repete esse facto como uma necessidade permanente de o reviver. Às tantas, falou-me de um piano que já lá estava em casa quando nasceu: a mãe tocava piano. Recordação que permaneceu com a música a ecoar na sua mente e nas suas criações. Talvez por isso, muito jovem, queria ser bailarino. Uma possível carreira na dança que haveria de experimentar, mas foi a música que prevaleceu, que o levou para o mundo do teatro, instalando-se definitivamente como pano de fundo das criações teatrais. Uma marca que cedo se impôs foi o humor como necessidade do seu modo de olhar o mundo. Ridicularizar o quotidiano, porque “a gente está sempre a ver cenas que não gosta de ver”.

Uma tarde numa esplanada de Campo de Ourique, Fernando Gomes traz-me o seu portfólio cuidadosamente encadernado. A música, o humor, o modo aparentemente despreocupado

suscitaram-me outra ideia: fazer dele um herói da BD. E fui coleccionando os seus comentários espontâneos, enquanto íamos folheando as páginas daquele álbum. Entrou para o teatro a fazer de Rei (*Fuenteovejuna*) mas por contraste, como gosta de sublinhar, esteve sempre nas margens. Vejamos: tornou-se muito popular, alcançou um enorme êxito de público, fez tanta coisa inesquecível, mas nunca ficou ‘institucionalizado’. O mesmo é dizer: cedo se fez Rei mas nunca teve um palácio.

Com uma vida recheada de espectáculos, acordou todos os dias a pensar na roleta das oportunidades e à espera de “ver o número que lhe ia sair a seguir”. Uma vida que se traduz num rodopio incessante; corrida “primeiro atrás de Camilo Castelo Branco” e depois de muitos outros autores com a marca do humor. Não dá grande importância aos prémios e distinções. Aprecia e agradece, mas diz: “Hoje tudo é genial, mas não é nada, nem eu sou genial. Muito poucos conseguem ser geniais!”.

José Manuel Castanheira

No teatro, não há amanhã

Miguel Seabra tem sido um passageiro frequente da programação ao longo destes 42 anos, mas cada regresso é vivido com o mesmo entusiasmo: “Porque vimos sempre como se fosse o último espectáculo, e o primeiro espectáculo que fazemos”, enfatizou.

Respondeu depois à pergunta do moderador, Joaquim Paulo Nogueira, em busca da relação íntima entre encenador e autor, uma quase atracção fatal que o leva a partilhar a imagem de uma “teia de aranha”: “As teias de aranha deixam passar luz, são translúcidas, muito geométricas, lindíssimas. São misteriosas e apetece tocar. E se tocas numa teia de aranha, ficas lá”. Fio a fio, a conversa tecida ao quarto dia dos Colóquios na Esplanada matou a curiosidade de quem quis saber mais sobre a rela-

ção entre o encenador e os seus actores; sobre a construção da identidade de uma Companhia de Teatro — como o Meridional —; e sobre *O sentido dos Mestres*, a formação que Seabra dirige nesta edição. O encenador responde que gosta de trabalhar “com actores que não tenham medo de falhar. De experimentar e de falhar. Generosos, humildes, disponíveis por inteiro”. Revela ainda que não começa a trabalhar com nenhum actor ou actriz “sem saber o signo, o ascendente e onde é que tem a Lua”. Fala de energias “vibracionais”, que aprofundou em três anos de estudo sobre astrologia.

No mapa da conversa também surge o mundo lá fora e a viragem política à direita, o que o faz voltar a Beckett para dizer que “há esperança no meio do caos”. E que o Teatro é tudo ou nada. “A arte do aqui e agora”. No Teatro não há amanhã.

Teresa Dias Mendes



© Pedro Castanheira

Restaurante da Esplanada

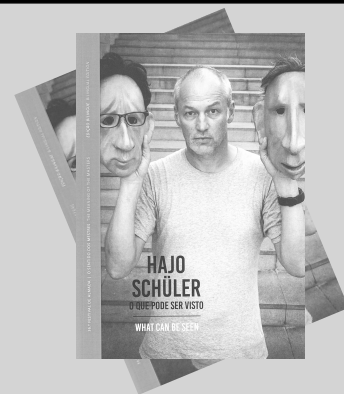
HOJE

Arroz de pato
Caril de peixe
Massa soba com beringela e manga

AMANHÃ

Carbonara flamenga
Pastéis de bacalhau c/ arroz de bacalhau
Macarrão com queijo

O Livro do Dia



A CTA editou em 2020 o volume *O que pode ser visto*, do actor e encenador Hajo Schüler, que dirigira *O sentido dos mestres* no ano anterior. Schüler é um dos quatro co-criadores de *Teatro Delusio*, o Espectáculo de Honra deste ano.

2€ na Banca do Festival